

Editorial

Se a palavra ética está cada vez mais presente no cotidiano, pontuando os noticiários da imprensa escrita e dos meios audiovisuais, sua emergência é também assinalada pela triste constatação de que o comportamento pautado por aquilo que a modernidade convencionou considerar como ética parece, cada vez mais, distante do dia-a-dia. Em todo o mundo, diariamente, as notícias nos levam a imaginar que – seja na dimensão pessoal, profissional, institucional ou mesmo na esfera política –, tomando o termo por sua acepção mais restrita, o comportamento individual parece distanciar-se daquilo que é digno, alijado da reflexão sobre quais parâmetros seriam adequados para conduzir o conjunto da humanidade ao bem comum, à “vida boa”, como o definiram os filósofos na Antigüidade. Diante disso, podemos (e devemos) nos perguntar o que está acontecendo – o que estaria produzindo tal crise de valores que induz à indignação, à vergonha ou ao conformismo?

Antes de invocar a essência corruptível dos seres humanos ou cair no niilismo desesperançado, parece conveniente lembrar a profunda transformação na moralidade pública que ocorreu ao longo do século XX. Foi precisamente neste período que, como reação às barbáries de duas guerras de proporções mundiais, a humanidade conseguiu superar todos os tipos de partidarismos que marcaram a história e perceber-se como destinatária de uma condição em comum, partilhada por todos os seres humanos, cujo valor

inerente é a dignidade. A *Declaração Universal de Direitos Humanos*, formulada em 1948, constitui o marco moral desta concepção, que atesta a necessidade e a vontade dos seres humanos em caminhar rumo à superação de suas diferenças e à construção de uma convivência respeitosa e harmônica entre os povos da Terra. Mas, se desde aquela data podemos perceber o empenho na construção de tal moralidade em comum, o que teria se interposto a esse desejo fraterno que pudesse originar a percepção de uma crise de valores e a sensação de ruptura com os parâmetros éticos?



Clóvis Francisco Constantino
Editor

A resposta a essa questão não é simples nem fácil; tem a profundidade e as dimensões da complexidade das relações nas sociedades contemporâneas. Em torno dela alinham-se diversas explicações que procuram apontar as razões de tal impasse e as formas de superá-lo: seria essa nova moralidade abrangente ainda muito recente para consolidar transformações substanciais nas relações humanas em escala global? Seriam os avanços tecnológicos, cada vez mais potentes e céleres,

que, ao garantir a autonomia das biotecnociências estariam provocando o divórcio das moralidades e dos padrões da ética humanista? Ou, como parece mais provável, a resposta a essa situação insólita e embrutecedora estaria na confluência desse conjunto de suposições?

É justamente para provocar esse tipo de reflexão que este segundo número do volume 14 da *Bioética* traz dois artigos de renomados bioeticistas brasileiros. No primeiro, Leo Pessini discute tais questões no trabalho *Bioética e o desafio do transumanismo: ideologia ou utopia, ameaça ou esperança?* Mostrando a vulnerabilidade dos seres humanos, divididos entre essas antagônicas expectativas, reforça a necessidade de referenciais éticos para que se possa discernir entre as transformações salutares e as destrutivas à vida humana e ao planeta. No segundo, *Medicina, ciência e ética: da serpente de Asclépio ao duplo hélix*, Nelson Grisard discorre sobre a relação entre a medicina e a matemática, que fundamentaram o desenvolvimento dos distintos ramos das ciências, evidenciando a importância de fomentar esse laço por meio da adoção de programas para formação profissional cada vez mais voltados à ética, ética médica e bioética em todos os níveis acadêmicos.

Seguindo a linha desse segundo trabalho, a continuação do simpósio *Cuidando de cuidadores* traz, neste número, uma série de artigos que abarcam aspectos relacionados à formação dos profissionais de medicina, apontam dificuldades relacionadas à prática profissional e discorrem sobre os deveres do profissional de medicina – quer na dimensão deontológica quer na legal. A respeito do simpósio, é imprescindível agradecer publicamente aos organizadores do material, o professor Délio Kipper, a doutoranda em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Carolina Ribas do Nascimento, e a bacharel em Secretariado Executivo e secretária da Coordenação Geral de Pesquisas do Hospital São Lucas, Aline Gonçalves dos Santos, que, com reiterado empenho, contribuíram para que este número da *Bioética* pudesse estar em suas mãos. Não é demais agradecer, também, aos autores participantes, desejando que as reflexões contidas em seus artigos sejam úteis à consolidação de práticas profissionais mais humanas e solidárias. Convidando nossos leitores a contribuir com sua reflexão para a consolidação desse campo de estudo e pesquisa em nosso país, esperamos que encontrem na *Bioética* uma boa leitura. Saudações a todos.

Clóvis Francisco Constantino
Editor